

VIOÊNCIA DOMÉSTICA EM FAMÍLIAS DE PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE ESCOPO

VIOLENCIA DOMÉSTICA EN FAMILIAS DE PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA: UNA REVISIÓN DE ALCANCE

DOMESTIC VIOLENCE IN FAMILIES OF INDIVIDUALS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: A SCOPING REVIEW



Caio Fernando Souza NICOLAU¹
e-mail: caiof.psico@gmail.com

Como referenciar este artigo:

Nicolau, C. F. S. (2026). Violência doméstica em famílias de pessoas com transtorno do espectro autista: uma revisão de escopo. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 27(esp1), e026016. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21209>



Submetido em: 08/06/2026

Revisões requeridas em: 11/06/2026

Aprovado em: 17/07/2026

Publicado em: 10/09/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Psicólogo Clínico especializado em neurodesenvolvimento e neuropsicologia, atuante em terapias comportamentais e cognitivo-comportamentais para diversas faixas etárias. Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (Unesp). Doutorando em Psicologia Clínica (PUC-SP). Docente do curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP), campus Araçatuba/SP.

RESUMO: A violência constitui um fenômeno social complexo que impacta as vivências psicológicas, sociais e intergeracionais. No contexto doméstico, relaciona-se a conflitos conjugais e divórcios, podendo gerar disfunções no desenvolvimento infantil e repercussões negativas no ciclo vital familiar e individual. Este estudo objetivou mapear a produção científica internacional e identificar lacunas na literatura brasileira sobre a violência doméstica em famílias de pessoas com Transtorno do Espectro Autista. Por meio de uma revisão de escopo, foram identificados e analisados seis estudos internacionais de elevado rigor metodológico. Concluiu-se que a articulação entre abordagens psicológicas e dados estatísticos permite integrar conceitos contemporâneos, como eventos estressantes, vulnerabilidade e ciclo vital da família, no campo de estudo das famílias de pessoas com deficiência. Devido à ausência de produções nacionais que atendessem aos critérios de inclusão, sugere-se que pesquisas futuras utilizem métodos e fundamentações teóricas variadas para investigar a realidade brasileira, com a intenção de preencher essa lacuna científica.

PALAVRAS-CHAVE: Violência doméstica. Transtorno do Espectro Autista. Ciclo vital. Famílias de pessoas com deficiência.

RESUMEN: La violencia constituye un fenómeno social complejo que impacta las vivencias psicológicas, sociales e intergeneracionales. En el contexto doméstico, se relaciona con conflictos conyugales y divorcios, pudiendo generar disfunciones en el desarrollo infantil y repercusiones negativas en el ciclo vital familiar e individual. Este estudio tuvo como objetivo mapear la producción científica internacional e identificar vacíos en la literatura brasileña sobre la violencia doméstica en familias de personas con Trastorno del Espectro Autista. A través de una revisión de alcance, se identificaron y analizaron seis estudios internacionales de alto rigor metodológico. Se concluyó que la articulación entre enfoques psicológicos y datos estadísticos permite integrar conceptos contemporáneos, tales como eventos estresantes, vulnerabilidad y ciclo vital de la familia, en el campo de estudio de las familias de personas con discapacidad. Debido a la ausencia de producciones nacionales que cumplieran con los criterios de inclusión, se sugiere que futuras investigaciones utilicen métodos y fundamentaciones teóricas variadas para investigar la realidad brasileña, con la intención de llenar este vacío científico.

PALABRAS CLAVE: Violencia doméstica. Trastorno del Espectro Autista. Ciclo vital. Familias de personas con discapacidad.

ABSTRACT: Violence constitutes a complex social phenomenon that impacts psychological, social, and intergenerational experiences. In the domestic context, it is related to marital conflicts and divorces, potentially leading to dysfunctions in child development and negative repercussions in the family and individual life cycle. This study sought to map international scientific production and identify gaps in the Brazilian literature on domestic violence in families of individuals with Autism Spectrum Disorder. Through a scope review, six international studies of high methodological rigor were identified and analyzed. It was concluded that the articulation between psychological approaches and statistical data allows for the integration of contemporary concepts such as stressful events, vulnerability, and the family life cycle into the field of study concerning families of people with disabilities. Due to the absence of national productions that met the inclusion criteria, it is suggested that future research utilize varied methods and theoretical frameworks to investigate the Brazilian reality, with the intent of filling this scientific gap.

KEYWORDS: Domestic violence. Autism Spectrum Disorder. Life cycle. Families of people with disabilities.

INTRODUÇÃO

A violência é um complexo fenômeno social com diversas nuances que perpassam as vivências psicológicas, sociais e intergeracionais. A Organização Mundial da Saúde (OMS) a conceitua como o uso proposital de autoridade ou força física, manifestado por atos ou ameaças contra o próprio sujeito, outra pessoa ou grupos sociais, que culmine no risco ou na efetivação de danos à integridade física e psíquica, fatalidades ou privações diversas (WHO, 2002).

Estes fatores constituem uma manifestação política e ecológica (Barquero et al., 2025), classificada três grandes eixos: 1) violência autoinflingida: suicídio e comportamentos de autolesão; 2) violência interpessoal: familiar/doméstica, contra um parceiro íntimo e comunitária; 3) violência coletiva: social, política e econômica.

No contexto doméstico e familiar, a violência pode anteceder e preceder situações de divórcio e conflitos conjugais, ocasionando possíveis disfunções no desenvolvimento das crianças, com grandes repercussões negativas no ciclo vital da família e do indivíduo (Southern; Sullivan, 2021). Os tipos de violência são variados, e incluem agressões físicas, psicológicas, patrimoniais e *ofensas sexuais*², com alta prevalência na população brasileira.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2025), revela um panorama crítico da segurança pública e da integridade física e psíquica no Brasil em 2024. No que concerne à violência de gênero, o país registrou 1.492 feminicídios, o que representa um aumento de 0,7% em relação ao período anterior, enquanto as tentativas de feminicídio sofreram uma elevação acentuada de 19,0%, totalizando 3.870 vítimas. O perfil epidemiológico das vítimas de feminicídio indica que 63,6% são mulheres negras e 70,5% possuem idade entre 18 e 44 anos, sendo que 97% dos agressores são homens e 8 em cada 10 mortes foram perpetradas por companheiros ou ex-companheiros, predominantemente no ambiente doméstico, onde ocorreram 64,3% dos casos.

Paralelamente, outras formas de violência interpessoal apresentaram variações distintas: a violência psicológica atingiu 51.866 registros (alta de 6,3%) e o crime de *stalking* somou 95.026 ocorrências (crescimento de 18,2%), ao passo que as ameaças, embora volumosas com 747.683 registros, apresentaram uma leve redução de 0,8% (FBSP, 2025). No âmbito das garantias jurídicas, as Medidas Protetivas de Urgência (MPU) concedidas aumentaram 6,6%, alcançando a marca de 555.001, contudo, o descumprimento dessas medidas pelo agressor

² Werner (2020) propõe que, no âmbito da violência contra crianças e adolescentes, o termo *ofensa sexual* substitui *abuso sexual* para evitar a sugestão de consentimento implícito. A escolha prioriza uma descrição mais rigorosa do fenômeno, enfatizando a natureza da transgressão e o impacto negativo gerado, sem as armadilhas interpretativas da palavra 'abuso'.

também registrou alta de 10,8%, afetando 101.656 casos. Simultaneamente, o Brasil atingiu o maior número de estupros e estupros de vulnerável de sua história, com 87.545 vítimas em 2024, estabelecendo uma taxa de 41,2 casos por 100 mil habitantes (FBSP, 2025).

A análise demográfica revela que 87,7% das vítimas pertencem ao sexo feminino, 55,6% são negras e 76,8% foram classificadas legalmente como vulneráveis. O domicílio permanece como o local principal da agressão em 65,7% das ocorrências, sendo os autores majoritariamente familiares (45,5%) ou parceiros e ex-parceiros íntimos (20,3%). As crianças e adolescentes figuram como os alvos primordiais dessa violência, com maior prevalência na faixa de 10 a 13 anos (32,9%), seguida pelas faixas de 5 a 9 anos (18,2%), 14 a 17 anos (16,3%) e 0 a 4 anos (10,3%) (FBSP, 2025).

Para compreender o termo *vulnerabilidade* citado pela FBSP (2025), é importante observar a fundamentação teórica estabelecida por Ayres (2022), na qual o conceito de vulnerabilidade é estruturado a partir de três dimensões interdependentes, que permitem uma compreensão abrangente dos riscos aos quais os indivíduos estão submetidos. A primeira dessas esferas, a vulnerabilidade individual, refere-se ao repertório de informações detido pelo sujeito, bem como aos seus padrões comportamentais e às suas condições biológicas específicas. Paralelamente, a vulnerabilidade social analisa a inserção do indivíduo no meio coletivo, observando o acesso a bens, serviços, cultura e educação, além de investigar as estruturas de relações sociais e as dinâmicas de poder vigentes. E a dimensão programática avalia a eficácia das instituições e das políticas públicas, mensurando o grau de compromisso dos governos na articulação de mecanismos que assegurem a proteção e a integridade dos sujeitos perante as adversidades sociais.

Em contextos familiares e escolares, as crianças e adolescentes também podem sofrer com o *bullying*. Conforme proposto por Avilés Martínez (2013), o *bullying* é compreendido como a perpetração sistemática de ações negativas que, pautadas em uma relação de poder desproporcional, buscam instaurar e evidenciar uma dinâmica de domínio e submissão entre os envolvidos. Essa prática manifesta-se por meio de diversas modalidades de maltrato. De forma física, é caracterizada por agressões diretas ao corpo; e pela dimensão verbal, que se materializa através de ofensas orais ou escritas. Adicionalmente, o autor identifica o *bullying* social, operado no âmbito das relações interpessoais e grupais com o fito de comprometer o *status* social da vítima, frequentemente resultando em processos de isolamento e rejeição. Paralelamente, descreve-se o *bullying* gestual, manifestado por meio de expressões faciais, olhares e gestos hostis que, em muitos casos, acompanham outras formas de agressão. No

espectro das coerções, destaca-se o *bullying* como uma vilania, fundamentado em práticas de ameaça e chantagem, além do *cyberbullying*, modalidade que instrumentaliza recursos tecnológicos para a viabilização e ampliação do maltrato no ambiente digital.

A partir da compreensão dos conceitos, tipos e estatísticas, é fundamental destacar a relação estrutural entre a violência doméstica e o Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com o DSM-5-TR (APA, 2023), o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento definido por prejuízos persistentes na comunicação e na interação social em diversos cenários. Essas alterações incluem limitações na reciprocidade socioemocional, no emprego de comportamentos não verbais essenciais à interação e na aptidão para desenvolver, manter e compreender laços interpessoais.

Além das disfunções no âmbito da comunicação social, a confirmação do diagnóstico pressupõe, obrigatoriamente, a manifestação de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Desta forma, considerando as características fenotípicas da pessoa com TEA e a complexidade das formas de perpetração da violência, é possível inferir uma suscetibilidade exacerbada nesses indivíduos, visto que os déficits inerentes à cognição social e à comunicação limitam o reconhecimento de intenções abusivas. Consequentemente, estes prejuízos atuam como barreiras substanciais para a articulação de denúncias, o acesso a redes de proteção e a busca por suporte especializado frente aos episódios de violência.

Os pais de pessoas com TEA enfrentam desafios conjugais que são influenciados pela extensa rotina de atenção aos filhos, associadas a outras dificuldades dos casais. Kanat et al. (2026), em estudo longitudinal comparativo com mães australianas de crianças com TEA (n = 333) e sem TEA (n = 8.145), concluíram que mães de crianças diagnosticadas com TEA apresentaram probabilidade significativamente superior de relatar níveis elevados de violência interpessoal em comparação a mães de crianças sem TEA, especificamente nos marcos etários de 4, 6, 8 e 10 anos dos filhos.

Esta dinâmica conflituosa manifesta-se por meio de uma maior frequência de alterações verbais (episódios de discussões, insultos, gritos ou ameaças), bem como pela ocorrência de confrontos de ordem física, os quais abrangem desde empurrões até agressões corporais diretas, como socos. A partir disso, compreende-se que os desafios no período presente, vivenciados por pais de pessoas com TEA, constituem crises no ciclo vital da família, devido aos eventos que ocorrem, como a eclosão de episódios de violência doméstica durante transições críticas, considerando as definições de Carter e McGoldrick (2011).

Diante dos fatores apresentados, constitui-se o problema de pesquisa desta revisão de escopo, que versa sobre a busca por dados e estudos recentes acerca das violências domésticas em famílias de pessoas com TEA. A finalidade inclui como objetivos mapear a produção científica internacional e identificar lacunas na literatura brasileira sobre o tema. Com o possível atendimento dos objetivos, será viabilizada a definição de um panorama geral do fenômeno da violência doméstica em famílias de pessoas com TEA, com as variáveis de famílias brasileiras e do exterior.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão de escopo, método de pesquisa caracterizado pelo mapeamento das produções acerca de temas emergentes, o que a define como um método exploratório. Neste formato de pesquisa, a intenção é desenvolver uma visão abrangente das evidências, contemplando estudos quantitativos, qualitativos e mistos, sem a busca por aprofundadas compreensões metodológicas de riscos ou vieses (Peters et al., 2021).

Optou-se por seguir as diretrizes do protocolo PRISMA *Extension for Scoping Reviews* (PRISMA-ScR) (Page et al., 2021; Tricco et al., 2018), dada a confiabilidade para a organização do processo de revisão. Houve a intenção de responder à seguinte pergunta: quais os tipos de violência doméstica ocorrem em famílias de pessoas brasileiras e estrangeiras diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista? As buscas por artigos acerca desta temática ocorreram no mês de abril de 2026, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO); PubMed; Scopus; e Portal de Periódicos da CAPES. Diferentes bases de dados foram escolhidas, a fim de buscar estudos do Brasil e do exterior. Foram utilizados os seguintes descritores e estratégias de pesquisa³: (violência intrafamiliar AND transtorno do espectro autista OR autismo); (violência intrafamiliar AND autismo); (violência domiciliar AND autismo); (family violence AND autismo).

Para a seleção dos estudos relevantes e aptos a responder à pergunta norteadora desta revisão, estabeleceram-se critérios específicos de elegibilidade. Foram incluídos artigos originais de abordagem quantitativa, qualitativa ou mista, conduzidos diretamente com as famílias e publicados em periódicos científicos entre os anos de 2015 e 2026. Exigiu-se que as publicações estivessem disponíveis na íntegra por meio de acesso aberto, fossem redigidas em

³ Em conformidade com os Descritores em Ciências da Saúde/*Medical Subject Heading* (DeCS/MeSH).

português, inglês ou espanhol, e apresentassem os descritores da pesquisa no título, resumo ou palavras-chave.

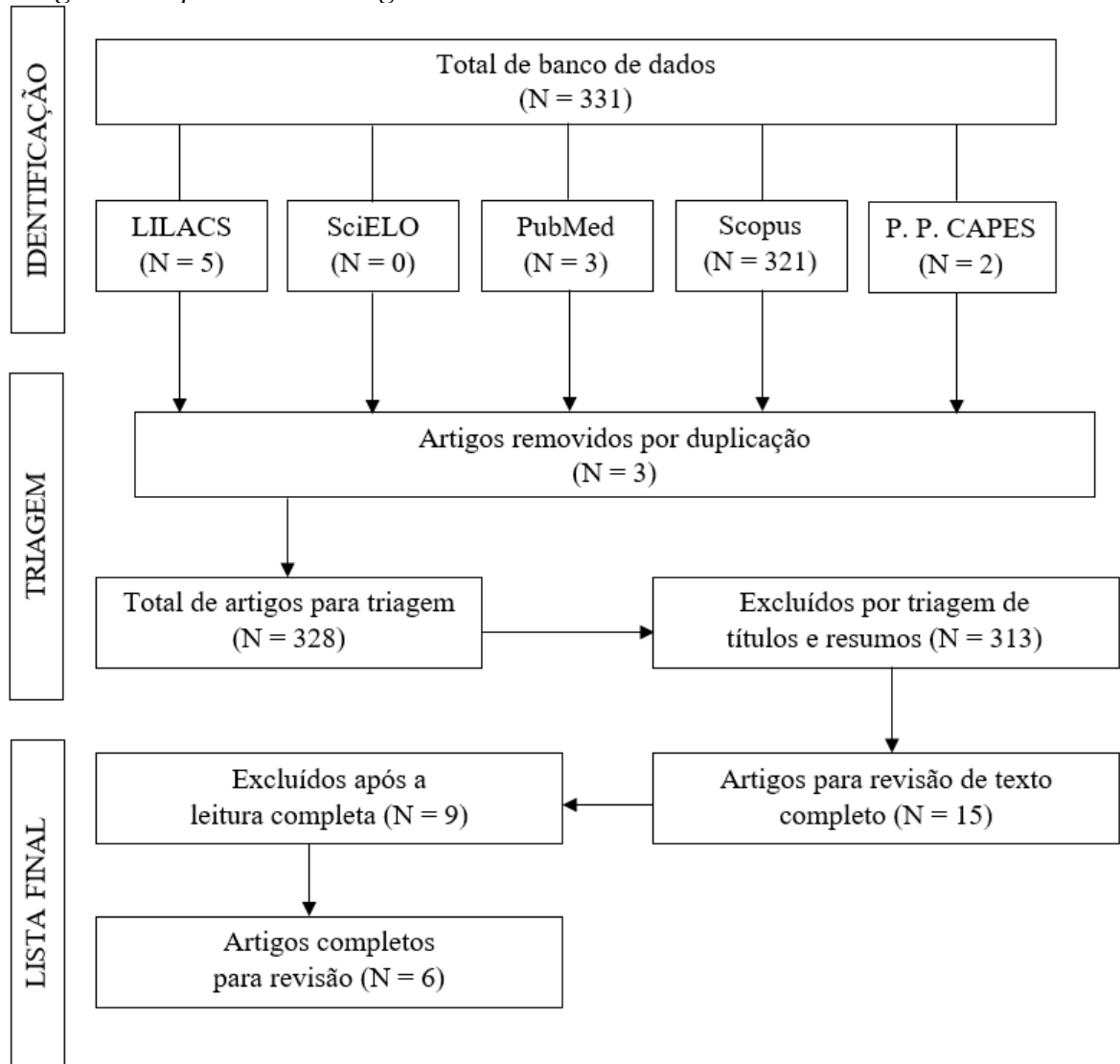
Quanto ao público-alvo, os estudos deveriam abranger participantes adultos (maiores de 18 anos) responsáveis pelo cuidado de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ou indivíduos com TEA de diferentes faixas etárias, desde que relatassem vivências relacionadas à violência doméstica. Em contrapartida, excluíram-se publicações duplicadas, materiais redigidos em idiomas divergentes dos estipulados e trabalhos de caráter secundário ou com texto incompleto, o que englobou revisões de literatura, editoriais, comentários, cartas ao editor e livros.

O processo de seleção dos estudos, fundamentado nas diretrizes do modelo PRISMA-ScR e ilustrado na Figura 1, foi organizado com o auxílio dos recursos das próprias bases de dados, como listas de favoritos e ferramentas de salvamento de registros. A etapa inicial de identificação recuperou 331 trabalhos provenientes de cinco fontes distintas: Scopus (321 documentos), LILACS (5), PubMed (3) e Portal de Periódicos da CAPES (2), não havendo retornos na SciELO. Após a remoção de três artigos duplicados, os 328 registros restantes foram submetidos a uma triagem preliminar baseada na leitura de títulos e resumos.

Nessa fase, excluíram-se 313 publicações que não atendiam aos critérios de inclusão. Os 15 estudos considerados de interesse avançaram para a etapa de elegibilidade e foram lidos na íntegra, processo que ocasionou a exclusão de mais nove unidades por não preencherem os requisitos específicos da pesquisa. Dessa forma, consolidou-se uma amostra final de seis artigos científicos para a análise qualitativa. Por fim, para a etapa de coleta e síntese das evidências extraídas dessa amostra, elaborou-se um formulário estruturado no Google Planilhas contendo apenas os itens previamente estipulados e estritamente necessários para o estudo.

Figura 1.

Fluxograma do processo de triagem de estudos com base no modelo PRISMA-ScR



Nota. Elaborada pelo autor.

RESULTADOS

O Quadro 1 sintetiza os seis artigos incluídos na análise, detalhando informações como autoria, ano de publicação, país de origem da amostra, objetivos, delineamento metodológico, principais resultados, tipos de violência retratados e tópicos centrais das discussões. De modo geral, predominam pesquisas de abordagem quantitativa — especificamente estudos transversais ou de coorte —, cujos achados indicam que pessoas com TEA apresentam maiores riscos de sofrer algum tipo de agressão, seja no âmbito doméstico ou em ambientes externos. Entre as tipologias mapeadas pela literatura, as violências física e sexual aparecem como as mais frequentes. Além disso, os estudos analisados evidenciam um claro destaque para a

prevalência da violência intrafamiliar e doméstica contra essa população, refletindo uma vulnerabilidade que também é fortemente observada no contexto das famílias brasileiras.

Quadro 1.

Resumo dos estudos revisados

Pesquisadores / País	Objetivo(s) do estudo	Método / Delineamento	Resultados	Violências retratadas	Tópico central
Toseeb, U. et al., 2020 (Reino Unido)	Analisar as associações concomitantes entre o envolvimento em <i>bullying</i> entre irmãos e o funcionamento psicossocial deste fenômeno em crianças com e sem TEA	Estudo de coorte	Indivíduos com TEA apresentaram maior probabilidade de relatar terem sido vítimas de <i>bullying</i> tanto por irmãos quanto por colegas na infância	Psicológica e física (não especificada) em ambiente doméstico e/ou público	Prevalência e consequências das vivências de <i>bullying</i> em crianças com e sem TEA, com foco nos irmãos perpetradores
Hwang, Y. I. et al., 2020 (Austrália)	Descrever e comparar as características de ocorrências de violência doméstica envolvendo indivíduos autistas e não autistas em Nova Gales do Sul, Austrália	Misto; análise documental (registros de ocorrências policiais)	A relação entre vítimas autistas e agressores era predominantemente familiar ou de cuidadores	Física	Violência doméstica envolvendo pessoas com TEA, tanto sendo vítimas como perpetradores
Gibbs, V. et al., 2021 (Austrália)	Examinar se existe uma relação entre características intrínsecas, especificamente traços autistas e dificuldades de regulação emocional, e experiências prévias de violência	Transversal comparativo, com análise quantitativa de informações de um banco de dados de pesquisas longitudinais	Uma proporção maior de adultos autistas relatou ter sofrido violência sexual e física durante a infância. Os adultos autistas foram mais propensos a relatar que nunca haviam confidenciado a ninguém sobre suas experiências	Sexual e física	Violência sexual e física em pessoas com e sem TEA, na infância e na vida adulta

Carter Leno, V. et al., 2022 (Canadá)	Verificar se há correlação entre a exposição familiar a eventos estressantes da vida (SLEs ⁴ familiares) e problemas de saúde mental na infância, e se a capacidade de flexibilidade cognitiva modera a via entre a exposição a SLEs familiares e os problemas de saúde mental na infância	Estudo de coorte	As análises não mostraram correlações significativas de sintomas internalizantes ou externalizantes e eventos estressantes da vida no âmbito familiar	Variadas (não especificadas)	Exposição familiar a eventos estressantes da vida e problemas de saúde mental na infância; a capacidade de flexibilidade cognitiva e a moderação entre a exposição a SLEs familiares e os problemas de saúde mental na infância
Airikka, A. et al., 2023 (Finlândia)	Analisar em mães e seus filhos se a exposição materna a abuso e/ou negligência na própria infância estava associada a maiores riscos de transtornos mentais e comportamentais em seus filhos	Estudo de coorte	A exposição materna a abusos na infância, mas não à negligência, esteve associada a maiores riscos de transtornos mentais e comportamentais em crianças	Física, psicológica e sexual	As possíveis relações entre as ofensas físicas, sexuais e psicológicas sofridas por mães e a saúde mental de seus filhos
Dion, J. et al., 2024 (Canadá)	Comparar o perfil de crianças autistas e não autistas em casos confirmados de maus-tratos, buscando identificar como o diagnóstico de autismo influencia as características da negligência/abuso e a resposta do sistema de proteção.	Quantitativo, descritivo e transversal	Crianças autistas que sofreram maus-tratos enfrentam desafios específicos que exigem intervenções de proteção adaptadas às suas necessidades particulares	Física; sexual; psicológica; negligências em geral	Verificar se crianças autistas estão mais expostas à violência na infância

Nota. Elaborado pelo autor.

Categorias de Análise

Os objetivos de mapear a produção científica internacional e identificar lacunas na literatura brasileira foram alcançados, evidenciando uma ausência de estudos nacionais que atendessem aos critérios de inclusão desta pesquisa. Por esse motivo, a apresentação, análise e discussão dos tipos de violência e de seus fatores desencadeantes basearam-se exclusivamente em investigações conduzidas com famílias do exterior. A partir da leitura na íntegra desses

⁴ Abreviação de *Stressful Life Events*, o termo original em língua inglesa.

artigos, emergiram seis eixos temáticos centrais que guiam a discussão dos resultados: a preferência metodológica dos autores em comparar grupos com e sem o transtorno; a gênese multifatorial da violência; as diferentes tipologias das agressões; a intergeracionalidade da violência e sua relação com o desenvolvimento de transtornos mentais na infância; o papel das pessoas com TEA como vítimas e/ou perpetradoras; e, por fim, a correlação entre a violência e os eventos estressantes da vida (SLEs).

Comparação entre grupos TEA e não TEA

Explorando o primeiro eixo, que trata da comparação entre grupos com e sem TEA, observa-se que esse delineamento é um procedimento muito comum nos estudos das ciências do comportamento humano. Essa prática ocorre devido à intenção de estabelecer o rigor do método experimental, o qual se fundamenta na necessidade de isolar variáveis e identificar marcadores específicos que definam uma condição por meio da estatística inferencial (Andery, 2010; Cozby, 2003). O predomínio desse formato analítico nos trabalhos incluídos na revisão permite inferir que a investigação dos fenômenos sociais no contexto do autismo ainda é um campo de estudo recente. Essa incipiência é reforçada pelo próprio volume de produções encontradas: nos últimos dez anos, apenas seis artigos sobre violência envolvendo esse público preencheram os rigorosos critérios estabelecidos para compor esta pesquisa.

Gênese multifatorial da violência

Ambos os artigos analisados citam outros fatores que se correlacionam com a violência em famílias, para além do diagnóstico do TEA. Esse aspecto é observado especificamente nos trabalhos de Dion et al. (2024) e Toseeb et al. (2020), que, para a compreensão da violência doméstica, direcionam o foco para as características individuais de cada criança com TEA, o contexto socioeconômico, os problemas de saúde física e/ou mental dos cuidadores, o uso de substâncias psicoativas, a composição familiar e os estilos parentais de educação. É importante compreender que esses fatores evidenciam que a problemática da violência não é causada pelo autismo em si, mas que existe uma correlação entre as características das pessoas nessa condição e outras variáveis sociais e de saúde que permeiam as vivências de agressão. A esse cenário, ainda é possível acrescentar a variável de gênero. No Brasil, há um importante destaque para o entendimento da violência doméstica também como uma violência baseada em gênero, dado que, além de crianças e adolescentes, a maior parte dos casos tem as mulheres como

vítimas, culminando frequentemente em feminicídios associados a variadas formas de agressões prévias (Cerqueira & Bueno, 2024).

Tipos de violência

Compreender como essas violências acontecem e se manifestam auxilia na percepção da gravidade dos fatos. No contexto específico do TEA, os estudos de Toseeb et al. (2020) e Gibbs et al. (2021) informam que há um maior risco de a pessoa no espectro autista sofrer algum tipo de violência devido às próprias características do transtorno, como as dificuldades na compreensão de pistas sociais. Portanto, entende-se que a caracterização minuciosa do tipo de ofensa revela parte do perfil dos agressores, o que pode mitigar a exposição das vítimas por meio de estratégias de psicoeducação. Tais violências ocorrem de diversas formas, dentro e fora de casa, englobando agressões físicas, sexuais, psicológicas, morais e patrimoniais, além de maus-tratos e negligências. Esses atos constituem fenômenos sociais que impactam diretamente indivíduos, famílias, parceiros íntimos e toda a comunidade (Minayo et al., 2022). Dado o seu alcance em todas as camadas da sociedade, o alerta recai sobre o fato de que os fenômenos psicológicos também são, intrinsecamente, sociais, desenvolvidos a partir de um complexo processo de aprendizagem no ambiente (Tourinho, 2009). Logo, entende-se que as situações de violência ocasionam graves prejuízos ao desenvolvimento e ao bem-estar psicológico das vítimas.

Intergeracionalidade, violência e o desenvolvimento de transtornos mentais na infância

Compartilhando discussões entre a gênese e as tipologias das agressões, Airikka et al. (2023) destacam as trajetórias intergeracionais da violência, evidenciando a relação entre a exposição materna a abusos na infância e o diagnóstico de transtornos mentais e comportamentais em seus filhos, incluindo o TEA. Esse dado insere uma importante pauta sobre a saúde emocional infantil, que transita pelos conhecimentos das contingências estabelecidas pela seleção por consequências, envolvendo a filogênese, a ontogênese e a cultura (Rocha et al., 2023). Sob essa ótica analítico-comportamental, pode-se entender que a reatividade emocional relaciona-se a um elemento filogenético; a história de aprendizagem de comportamentos interferentes e violentos constitui a ontogênese; e a cultura, por sua vez, está associada à seleção de práticas sociais e verbais mantidas por contingências entrelaçadas ao longo das gerações.

Pessoas com TEA como vítima e/ou perpetradores da violência

Esta categoria traz um curioso dado sobre o indivíduo com TEA na condição de perpetrador, como visto em Hwang et al. (2020), mesmo quando todas as estatísticas apontam que, na maior parte dos casos, estão na posição de vítimas. É possível conceber que há diferentes configurações sociais, familiares e de desenvolvimento no espectro autista. O estereótipo infantilizado que o capacitismo criou acerca das pessoas com TEA e outras deficiências (Gesser et al., 2020) pode justificar o estranhamento ao perceber que, mesmo com limitações, a pessoa com deficiência pode cometer ofensas (Allely, 2022). As capacidades pessoais não se relacionam somente à benevolência e compaixão, como é proposto pela visão da pessoa constituída pelo capacitismo. É possível que ocorra o extremo oposto, com ira e agressividade, principalmente na reprodução de comportamentos violentos aprendidos no ambiente familiar, a partir da aprendizagem baseada na coerção (Sidman, 2009), dado o fato de que o comportamento violento não é um sintoma do autismo, mas sim um fenômeno socialmente constituído e aprendido, muitas vezes velado pela invisibilidade que o capacitismo proporciona.

Eventos Estressantes da Vida (SLEs)

Carlson (2014) conceitua os eventos estressantes da vida (SLEs) como episódios objetivos e não planejados que, por sua natureza indesejável e incontrolável, rompem com o desenvolvimento normativo. Tais eventos, cujas fronteiras temporais são nítidas, são tipicamente responsáveis por ocasionar grandes mudanças vitais na trajetória de quem os vivencia. Neste contexto, podemos conceituar a violência doméstica como um SLE (Carter Leno et al., 2022) e estabelecer importantes relações entre este fenômeno e as prejudicadas condições de saúde emocional de pessoas com TEA, o que evidencia as repercussões negativas da violência no bem-estar psicológico do indivíduo neurodivergente.

DISCUSSÃO

Nesta seção, discutem-se as relações entre os achados da literatura e os conceitos acadêmicos conhecidos no âmbito dos estudos sobre violência, percorridos na seção de introdução. Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, a configuração do estudo fora alterada, devido à falta de artigos sobre a violência doméstica em famílias brasileiras de pessoas com TEA, que se encaixassem nos critérios de inclusão. Este fator possibilitou o

desenvolvimento de um novo objetivo, relacionado à análise e compreensão da violência doméstica em famílias de pessoas com TEA do exterior, a partir de importantes e curiosos achados apresentados na seção de resultados e categorias de análise.

É importante destacar a consonância entre todos os estudos analisados e o tradicional conceito de violência proposto pela OMS (WHO, 2002). Ao observar como os autores discorrem sobre a violência, nota-se que, citando ou não a OMS, há consistência teórica e técnica nas definições. As categorias teóricas descritas pela literatura tradicional sobre o tema são percebidas em todos os artigos que foram incluídos na revisão. A descrição de tipos de violência feita por Toseeb et al. (2020) é discreta e pouco especificada, mas, considerando que o tema dos autores versa sobre *bullying*, entende-se que se trata de violência física e psicológica, conforme conceituado por Avilés Martínez (2013) e destacado no Quadro 1.

As estatísticas gerais de violência nos países das pesquisas analisadas foram citadas como elemento introdutório dos textos, que somou-se com a produção estatística dos autores sobre a violência em pessoas com TEA (Hwang et al., 2020; Toseeb et al., 2020) o que possibilitou o destaque à real gravidade deste fenômeno. O *Anuário Brasileiro de Segurança Pública* (FBSP, 2025), expõe graves ofensas sexuais contra crianças e adolescentes, mas não especifica o percentual de violências sofridas por pessoas com deficiência. Entretanto, pode-se entender que, quando o documento cita a violência em *populações vulneráveis*, as pessoas com deficiência são incluídas nesta estatística brasileira.

Os dados de violência no Brasil apresentam forte compatibilidade com os achados de Hwang et al. (2020) na Austrália, evidenciando que as ocorrências envolvendo pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) têm maior prevalência no ambiente doméstico, à semelhança do que ocorre com diversas populações vulneráveis brasileiras. Essa compreensão de vulnerabilidade apoia-se nas fundamentações teóricas de Ayres (2022) e exige, necessariamente, a desconstrução da visão romantizada de que o lar é, de forma intrínseca, um ambiente sempre seguro e acolhedor.

Em consonância com a complexidade desse cenário, os achados de Airikka et al. (2023) alinham-se às contribuições de Barquero et al. (2025). Apesar de utilizarem métodos distintos, os autores convergem ao apontar a gênese multifatorial da violência, compreendendo-a a partir da interação entre suas dimensões políticas, ecológicas e intergeracionais, cujas consequências acarretam profundos prejuízos sociais e psicológicos. Tais repercussões negativas no ciclo vital da família e do indivíduo, como abordado por Southern e Sullivan (2021), abrem espaço para analisar a violência como um Evento Estressante da Vida. Esse conceito, definido por Carlson

(2014) e explorado por Carter Leno et al. (2022), é fundamental para explicar como eventos estressores impactam a saúde mental infantil, favorecendo o desenvolvimento de sintomas internalizantes e externalizantes.

Sob essa ótica, validam-se os conceitos tradicionais sobre o ciclo vital da família de Carter e McGoldrick (2011) para contextos que vão além das definições iniciais restritas à terapia familiar. Torna-se possível, assim, aplicar o conceito de crise no ciclo vital, onde o SLE atua como um elemento desencadeador ou parte integrante desse momento crítico. Nota-se, portanto, uma clara aproximação teórica entre diferentes perspectivas conceituais para explicar o fenômeno.

Quando essa dinâmica é analisada à luz dos critérios diagnósticos do DSM-5-TR, compreende-se que as próprias características do TEA podem acentuar a suscetibilidade a essas situações. As dificuldades de comunicação social e os padrões restritos e repetitivos de comportamento frequentemente prejudicam a flexibilidade cognitiva do indivíduo. Em determinados contextos, isso pode escalar para agressões e ofensas, elevando as chances de pessoas com TEA se envolverem em episódios de violência, seja no papel de vítimas ou de perpetradores (Hwang et al., 2020).

Por fim, cabe ressaltar a articulação construída ao longo desta análise, que integra pressupostos da Análise do Comportamento — ancorados em clássicos como Cozby (2003), Andery (2010), Tourinho (2009) e Sidman (2009) — com estudiosos de outras matrizes epistemológicas. Esse movimento analítico, longe de configurar um ecletismo teórico, constitui um esforço proposital para demonstrar que a violência pode ser elucidada sob múltiplas lentes que convergem ao encará-la como uma realidade negativa e multifatorial. Essa aproximação entre a questão social e a ciência psicológica fundamenta-se em articulações coerentes, essenciais para compreender e acolher as complexas vivências de famílias que enfrentam essas lamentáveis situações.

As limitações de estudo foram encontradas ao realizar as buscas nas bases de dados e notar que os objetivos provavelmente não seriam atingidos. Encontram-se muitos estudos com excelente rigor metodológico, como os incluídos a revisão. Mas aos interessados pelo tema de violência em famílias de pessoas com TEA, um novo problema surge, dado o fato de poucos estudos recentes, de acesso aberto, foram encontrados nas bases de dados de exterior. E em relação ao Brasil, nenhum estudo foi encontrado. Talvez estes dados explicitem que ainda há grande invisibilidade das questões sociais relacionadas ao TEA. Muitos estudos buscam investigar somente os fatores biológicos, de diagnóstico e intervenções terapêuticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho relata um estudo de revisão de escopo, que teve como objetivos mapear a produção científica internacional e identificar lacunas na literatura brasileira sobre a violência doméstica em famílias de pessoas com TEA. A lacuna na produção brasileira foi evidenciada pela ausência de artigos que cumpram os critérios de inclusão. Seis estudos de grande rigor metodológico foram encontrados e analisados a partir de categorias teóricas. Diferentes compreensões sobre o fenômeno da violência doméstica puderam ser constituídas, com a articulação de variadas abordagens teóricas da ciência psicológica, dados estatísticos do Brasil e do exterior. Conceitos contemporâneos envolvendo eventos estressantes da vida, vulnerabilidade e ciclo vital da família puderam ser analisados e discutidos, dada a consonância entre os temas e a busca pela conceituação da violência como fenômeno social, psicológico, político e ecológico.

Estudos futuros podem utilizar diferentes métodos de pesquisa e fundamentações teóricas, para investigar a violência doméstica em famílias brasileiras de pessoas com TEA, com a finalidade de preencher esta lacuna. Desta forma, podem ser trazidas à luz, realidades pouco conhecidas pelos governantes do estado e pela população geral, incentivando a iniciativa de ações que venham superar este complexo fenômeno que é a violência doméstica.

REFERÊNCIAS

- Airikka, A., Lahti-Pulkkinen, M., Tuovinen, S., Heinonen, K., Lahti, J., Girchenko, P., Lähdepuro, A., Pyhälä, R., Czamara, D., Villa, P., Laivuori, H., Kajantie, E., Binder, E. B., & Räikkönen, K. (2023). Maternal exposure to childhood maltreatment and mental and behavioral disorders in children. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 32, 2463–2475. <https://doi.org/10.1007/s00787-022-02090-8>
- Allely, C. S. (2022). *Autism spectrum disorder in the criminal justice system: A guide to understanding suspects, defendants and offenders with autism*. Routledge.
- Andery, M. A. P. A. (2010). Métodos de pesquisa em análise do comportamento. *Psicologia USP*, 21(2), 313–342. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000200006>
- Associação Americana de Psiquiatria. (2023). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR* (5ª ed. rev.). Artmed.
- Avilés Martínez, J. M. (2013). *Bullying: Guia para educadores* (J. G. Milán-Ramos, Trad.). Mercado das Letras.
- Ayres, J. R. (2022). Vulnerabilidade, cuidado e integralidade: Reconstruções conceituais e desafios atuais para as políticas e práticas de cuidado em HIV/Aids. *Saúde em Debate*, 46(spe7), 196–206. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E714>
- Barquero, O. S., Silva, S. C. A., & Faria, J. A. (2025). Ecologia de violências nas periferias urbanas em tempos de emergências de saúde multiespécie. *Physis*, 35(2), e350201. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312025350201pt>
- Carlson, D. (2014). Stressful life events. In A. C. Michalos (Ed.), *Encyclopedia of quality of life and well-being research* (pp. 6362–6364). Springer. https://doi.org/10.1007/978-94-007-0753-5_2880
- Carter Leno, V., Wright, N., Pickles, A., Bedford, R., Zaidman-Zait, A., Kerns, C., Mirenda, P., Zwaigenbaum, L., Duku, E., Bennett, T., Georgiades, S., Smith, I., Vaillancourt, T., Szatmari, P., & Elsabbagh, M. (2022). Exposure to family stressful life events in autistic children: Longitudinal associations with mental health and the moderating role of cognitive flexibility. *Autism*, 26(7), 1656–1667. <https://doi.org/10.1177/13623613211061932>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (Orgs.). (2011). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, Trad.; 2ª ed.). Artmed.
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2024). *Atlas da violência 2024*. IPEA.
- Cozby, P. C. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (P. I. C. Gomide & E. Otta, Trans.). Atlas.
- Dion, J., Paquette, G., Sablonnière-Griffin, M., Argumedes, M., Martin-Storey, A., Bolduc, M.-L., Hélie, S., & Bussièrès, È.-L. (2024). Forms and correlates of child maltreatment among autistic children involved in child protection services. *Frontiers in Child and Adolescent Psychiatry*, 3, 1386781. <https://doi.org/10.3389/frcha.2024.1386781>

- Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2025). *Anuário brasileiro de segurança pública 2025*. <https://forumseguranca.org.br/publicacoes/anuario-brasileiro-de-seguranca-publica/>
- Gesser, M., Block, P., & Mello, A. G. D. (2020). *Estudos da deficiência: Interseccionalidade, antipacifismo e emancipação social*. CRV.
- Gibbs, V., Hudson, J., Hwang, Y. I. J., Arnold, S., Trollor, J., & Pellicano, E. (2021). Experiences of physical and sexual violence as reported by autistic adults without intellectual disability: Rate, gender patterns and clinical correlates. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 89, 101866. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2021.101866>
- Hwang, Y. I., Zheng, L., Karystianis, G., Gibbs, V., Sharp, K., & Butler, T. (2020). Domestic violence events involving autism: A text mining study of police records in New South Wales, 2005–2016. *Research in Autism Spectrum Disorders*, 78, 101634. <https://doi.org/10.1016/j.rasd.2020.101634>
- Kanat, A., McMahon, G., Fogarty, A., Giallo, R., & Seymour, M. (2026). Patterns of interparental conflict and psychological distress among Australian mothers of autistic children. *Autism*, 30(3), 788–800. <https://doi.org/10.1177/13623613251412202>
- Minayo, M. C. S., Pinto, L. W., & Silva, C. M. F. P. (2022). A violência nossa de cada dia, segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(9), 3701–3714. <https://doi.org/10.1590/1413-8123202279.07532022>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372, n71. <https://doi.org/10.1136/bmj.n71>
- Peters, M. D. J., Marnie, C., Colquhoun, H., Garritty, C. M., Hempel, S., Horsley, T., Langlois, E. V., Lillie, E., O'Brien, K. K., Tunçalp, Ö., Wilson, M. G., Zarin, W., & Tricco, A. C. (2021). Scoping reviews: Reinforcing and advancing the methodology and application. *Systematic Reviews*, 10, 263. <https://doi.org/10.1186/s13643-021-01821-3>
- Rocha, C. N., Linares, I. M. P., & Weiss, J. V. P. (2023). Compreendendo a perinatalidade sob a perspectiva do modelo de seleção por consequências. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 14(1), 3–18. <https://doi.org/10.18761/PACasdj44a6>
- Sidman, M. (2009). *Coerção e suas implicações* (M. A. Andery & T. M. Sério, Trans.). Livro Pleno.
- Southern, S., & Sullivan, R. D. (2021). Family violence in context: An intergenerational systemic model. *The Family Journal*, 29(3), 260–291. <https://doi.org/10.1177/10664807211006274>
- Toseeb, U., McChesney, G., Oldfield, J., & Wolke, D. (2020). Sibling bullying in middle childhood is associated with psychosocial difficulties in early adolescence: The case of individuals with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 50, 1457–1469. <https://doi.org/10.1007/s10803-019-04116-8>

Tourinho, E. Z. (2009). *Subjetividade e relações comportamentais*. Núcleo Paradigma.

Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M. D. J., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., & Straus, S. E. (2018). PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): Checklist and explanation. *Annals of Internal Medicine*, 169(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>

Werner, M. C. M. (2020). Nova retórica: O conceito de “ofensa sexual” precisa superar o conceito de “abuso sexual”. *Revista Brasileira de Terapia Familiar*, 9(1), 202–215. <https://doi.org/10.60114/rbtf.v9i1.40>

Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (Eds.). (2002). *World report on violence and health*. World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9241545615>

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Aos colaboradores, docentes e à coordenação do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.
 - ☐ **Financiamento:** Fundação São Paulo (FUNDASP), mantenedora da PUC-SP.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não há.
 - ☐ **Aprovação ética:** Não se aplica.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Sim, desde que realizada de forma ética, citando o autor.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** Único autor.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

